

Editorial

Quando Platão, na *República*, efetua uma interpretação nova da máxima “conhece-te a ti mesmo”, acaba por produzir uma virada na cultura e no pensamento grego-ocidental. A novidade da interpretação ia bastante além do conteúdo e do método socrático. Para Sócrates, o cumprimento do dever delfico se dava a partir do homem individual, que deveria empenhar-se na direção do autoconhecimento. Ao examinar o conceito de justiça e o seu processo de realização na *pólis*, Platão esbarra nos limites das prerrogativas socráticas. A compreensão da justiça e a constituição de uma cidade ideal só se realizariam na medida em que o homem é projetado a um plano mais largo. Na experiência individual, os fenômenos são tão complexos, variados, contingentes e contraditórios, que seria impossível, conforme Platão, esclarecê-los e transformá-los em referências seguras para a organização político-social. A natureza humana é comparável a um texto de difícil leitura e, na perspectiva individual, tal texto escreve-se com letras microscópicas. O primeiro trabalho, portanto, de toda investigação teórica que pretende entender o homem, é ampliar tais letras, capturando o humano nas produções coletivas, nas quais o sentido oculto do texto pode surgir e o que parecia indecifrável torna-se legível.

No contexto da *República* platônica, a aplicação da lente de aumento ocorre no exame do estado e na constituição de suas partes. O estado, entretanto, na história da humanidade, é um produto tardio e não representa a única forma de existência coletiva. Muito antes de adotar esse modelo de organização social, o homem fez diversas tentativas para organizar suas crenças, seus desejos, sua sensibilidade e suas ideias. O mito, a religião, a arte, a própria linguagem e tudo aquilo que pode ser chamado de cultura serviram com estratégias de sistematização para tais experiências. É evidente que essas atividades, tomadas historicamente, conectam-se intimamente com o desenvolvimento do estado e em muitos dos seus aspectos dependem dele; entretanto, preservam propósitos e valores próprios.

O que queremos marcar, no momento em que esse dossiê chega ao público, é a validade da sugestão platônica de “aumentar a lente”. Ainda que o termo “cultura” seja um conceito “vago” e em constante transformação, servindo para designar desde artefatos (imagens, objetos, ferramentas, construções e assim por diante) até práticas (ler, jogar, narrar, dançar etc.), uma das suas características fundamentais é que representa um “homem ampliado”, um letrado a espera de interpretação. É na diversidade das expressões culturais que podemos encontrar o desenho daquela unidade fundamental a qual

denominamos de “ser humano”. É essa a motivação do dossiê. A diversidade englobada no conceito de cultura também será encontrada aqui. Mas é exatamente nessa atividade de abordar teoricamente tal diversidade que podemos alimentar a certeza de produzir um desenho mais claro do homem tomado na sua perspectiva histórica.

O presente número da revista *História: Debates e Tendências* está organizado em três seções: a primeira compõe o “Dossiê: História e cultura”. A segunda seção é dedicada a artigos livres e a terceira apresenta uma resenha. Apresentamos, agora, com a intenção de guiar o leitor, um rápido informe sobre os trabalhos aqui reunidos.

Abrindo o “Dossiê: História e cultura”, Ulisses do Valle examina o conceito de cultura comparando as concepções de Rickert, de Weber e de Schütz. A intenção do autor é apresentar, de um lado, as diferenças e, por outro, os aspectos compatíveis nas visões dos referidos autores. Tal compatibilidade aparece quando se toma o conceito de cultura como produto de uma metodologia histórica.

As representações dos arranha-céus nas charges de J. Carlos – José Carlos de Brito e Cunha – coletadas nas revistas ilustradas *Careta*, *Fon-Fon*, *O Malho* e *Para Todos* entre 1927 e 1943, é o tema do artigo seguinte. Nele, Gianne Montedônio Chagastelles busca ampliar o *corpus* da investigação histórica ao incluir fontes iconográficas no estudo do processo de verticalização do Rio de Janeiro.

Na sequência, Mauro Dillmann Tavares investiga a expansão do cemitério São Miguel de Almas de Porto Alegre - RS nas primeiras décadas do século XX, salientando as estratégias administrativas que pretendiam consolidá-lo como moderno e eficiente, numa época de epidemias e mortalidades. O autor pretende também ressaltar as conexões entre os espaços cemiteriais e as percepções do morrer modeladas na cultura desse contexto.

No seu artigo “O povo brasileiro nos romances de Darcy Ribeiro”, Diego Omar Silveira analisa as obras *Maíra* (1976), *O mulo* (1981) e *Utopia selvagem* (1982), ressaltando como nelas o antropólogo, com uma linguagem poética e despojada e sem as limitações da escrita científica, apresenta as identidades brasileiras. Ainda no terreno da palavra escrita, o artigo seguinte, de Cíntia Lima Crescêncio, busca refletir sobre o papel de Millôr no combate e também na divulgação dos feminismos brasileiros. Na perspectiva da autora, mais do que reproduzir modelos simplistas de homem e mulher, Millôr contribuiu para a divulgação dos embates empreendidos pelas feministas, de modo especial nas suas publicações na revista *Veja*.

A seguir, Fabrício Pinto Monteiro, no texto “Tom Bombadil, um personagem sem lugar”, discute o uso das fontes literárias na investigação histórica. O debate, proposto pelo autor ocorre em torno das construções de significações sociais de leitores, escritor e diretor da versão cinematográfica da obra *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, privilegiando o personagem Tom Bombadil.

Os dois últimos artigos do dossiê abordam, cada um à sua maneira e com recortes temporais específicos, as interfaces entre experiências musicais e história. Manuela

Areias Costa, no artigo “As práticas culturais da sociedade musical ‘União XV de Novembro’”, investiga as bandas civis no Brasil e suas representações, a partir da trajetória da sociedade musical “União XV de Novembro”, da cidade de Mariana - MG. Concluindo o dossiê, o artigo “Rock brasileiro na década de 1970: contracultura e filosofia hippie”, de Alexandre Saggiorato, aborda as práticas socioculturais em que o rock brasileiro da década de 1970 estava inserido. O autor dá especial destaque à tensão, vivenciada pelo rock brasileiro nesse período, de coexistir com a ditadura militar e, ao mesmo tempo, produzir alternativas contraculturais tanto nas sonoridades quanto nas letras.

O texto “Os annales e a história-problema: considerações sobre a importância da noção de história-problema para a identidade da Escola dos Annales” abre a seção “Artigos livres”. O autor, José D’Assunção Barros, reconstrói as críticas dos historiadores do movimento dos Annales contra a história factual, a história política tradicional e a história narrativa. Os argumentos buscam também esclarecer a oposição entre história-problema e história-conjectura.

Em “Argentina, Estados Unidos y el sistema interamericano durante la crisis de los misiles (1962)”, Leandro Morgenfield analisa o posicionamento do governo argentino quanto à crise dos mísseis ao longo o mandato de José Maria Guido e observa que posição da Argentina no período, diferente por Brasil e México, permitiu que a Casa Branca se reposicionasse na região.

Compreender as políticas de reparação e responsabilização como uma condição simbólica que possibilita o compartilhamento de responsabilidade, culpa e vitimização é o objetivo do próximo artigo, de Johnny Roberto Rosa. O autor enfatiza o papel de tais políticas na reconfiguração da memória e na reconstrução moral das comunidades injustiçadas.

Encerrando a seção “Artigos livres”, Tatiana Dantas Marchette pesquisa o significado da aceitação do exercício do cargo de prefeito municipal de Ponta Grossa - PR por parte do intelectual paranaense Brasil Pinheiro Machado, em meados de 1932. O contexto onde se insere esse caso específico, a Revolução Constitucionalista, segundo a autora, permite articular o novo perfil da intelectualidade à ação política engajada.

O presente volume conta ainda com a resenha do livro *Após o fim da arte*, de Arthur Danto, elaborada por Francisco Fianco. A obra de Danto é leitura obrigatória para quem se dispõe a compreender os rumos da arte contemporânea, seu caráter radicalmente livre e reflexivo e suas relações tensas com a própria história da arte.

Por fim, cabe registrar o vínculo do presente número da *Revista História: Debates e Tendências*, de modo especial do “Dossiê: História e cultura”, com o processo de consolidação do Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (Nemec), ligado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. A todos uma ótima leitura!

Gerson Luís Trombetta
PPGH/UPF

Editorial

When Plato, in *Republic*, provides a new interpretation for the maxim “Know thyself,” he eventually causes a twist in the Greek-western culture and thoughts. The new interpretation went far beyond the Socratic content and method. For Socrates, the Delphic duty was fulfilled by the individual man, who should seek self-knowledge. By examining the concept of justice and its realization in the *polis*, Plato is faced with the limits of Socrates’ prerogatives. The understanding of justice and the constitution of an ideal city would only be accomplished when man is projected into a broader plane. In individual experience, the phenomena are so complex, varied, contingent and contradictory that it would be impossible, as Plato puts it, to clarify them and turn them into safe references for political and social organization. Human nature is comparable to a difficult-to-read text and, under the individual perspective, this text is written in microscopic letters. Therefore, the first work of the theoretical investigation that seeks to understand man is to magnify these letters, capturing the human being in collective productions. In these productions, the hidden meaning of the text may be unlocked, and what appeared to be undecipherable becomes legible.

In the context of Plato’s *Republic*, a magnifying lens is used to assess the state and the constitution of its parts. However, the state, in the history of humankind, is a late product and does not represent the only form of collective existence. Long before adopting this model of social organization, man made different attempts to organize his beliefs, desires, sensitivity, and ideas. The myth, religion, art, language and all that one may denominate culture served to systematize these experiences. Evidently, these historical activities are closely related to the development of the state and, in many of their aspects, depend on it; however, they preserve their own purposes and values.

What we would like to highlight, upon the publication of this Report, is the validity of Plato’s suggestion to “magnify the lens.” Although the term “culture” is a “vague” concept that is constantly changing, used to denote from artifacts (images, objects, tools, constructions, etc) to practices (reading, playing, narrating, dancing, etc.), one of its essential characteristics is that it represents a “magnified man,” a written sign waiting to be interpreted. It is in the diversity of cultural expressions that we can find the design of that fundamental unit which we call “human being.” This is the *raison d’être* of the report. The diversity contained in the concept of culture will also be found here. But it

is exactly the theoretical discussion of this diversity that can assure the production of a clearer design of man under his historical perspective.

The present number of the journal *História: Debates e Tendências* [History: Debates and Tendencies] is organized into three sections: the first one is the “Report on History and Culture.” The second one is devoted to free papers, while the third one contains a review. In order to guide our readers, we now provide some brief information on the articles published in the current issue.

In the “Report on History and Culture,” Ulisses do Vale examines the concept of culture, comparing the ideas of Rickert, of Weber and of Schutz. On the one hand, the author seeks to show the differences, and on the other hand, the compatible aspects in the perspective of the referenced authors. This compatibility arises when the concept of culture as the product of a historical method is employed.

The representations of *skyscrapers* in the cartoons of J. Carlos - José Carlos de Brito e Cunha – collected from the magazines *Careta*, *Fon-fon*, *O Malho* and *Para Todos* between 1927 and 1943, is the topic of the subsequent paper. In this paper, Giane Chagas Telles seeks to extend the *corpus* of historical investigation by including iconographic sources in the study of the verticalization of Rio de Janeiro.

In the next paper, Mauro Dillman investigates the expansion of the São Miguel e Almas cemetery in Porto Alegre/RS in the first decades of the 20th century, focusing on the administrative strategies that sought to consolidate it as modern and efficient, in times of epidemics and mortality. The aim of the author is to highlight the connections between the cemetery spaces and the perceptions on death based on the culture of this context.

In the paper “The Brazilian people in the novels of Darcy Ribeiro,” Diego Omar Silveira analyzes the books *Maíra* (1976), *O Mulo* (1981) and *Utopia Selvagem* (1982), showing how the anthropologist, using a poetic and simple language, and without the limitations of scientific writing, introduces the Brazilian identities. Also concerned with the written language, the following paper, by Cíntia Lima Crescêncio, provides some reflection about the role of Millôr in the combat against and public promotion of Brazilian feminism. In the author’s perspective, in addition to reproducing simplistic models of men and women, Millôr contributed to making the struggles of feminists known, especially in his publications in *Veja* magazine.

Fabrizio Pinto Monteiro, in the text “Tom Bombadil, an out-of-place character,” discusses the use of literary sources in historical investigation. The debate, proposed by the author, is about the construction of social meanings of readers, writer and director in the movie version of *The Lord of the Rings*, by J. R. R. Tolkien, focusing on the character of Tom Bombadil.

The last two articles of the Report address, each in its own fashion, using specific time periods, the interfaces between musical experiences and history. Manuela Areias Costa, in the article “The cultural practices of the União XV de Novembro Musical Socie-

ty,” investigates the civil bands in Brazil and its representations, based on the trajectory of the referenced musical society, located in Mariana, state of Minas Gerais, Brazil. Last but not the least, the article “Brazilian Rock in the 1970s: counterculture and philosophy of the hippies”, by Alexandre Saggiorato, analyzes the sociocultural practices in which the Brazilian rock music of the 1970s was inserted. The author highlights the tension experienced by Brazilian rock at the time given that it had to cope with the dictatorial regime and, at the same time, find countercultural alternatives for its sound and lyrics.

The article “The Annales and problem history: remarks on the importance of the notion of problem history for the identity of the Annales school” opens the “free papers” section. The author, José D’Assunção Barros, reconstructs the criticisms made by Annales historians against factual history, traditional political history, and narrative history. The arguments also seek to clarify the contrast between problem history and conjectural history.

To understand the policies of reparation and accountability as a symbolic condition that allows the sharing of responsibility, guilt, and victimization is the aim of the article authored by Johnny Roberto Rosa. The author highlights the role of these policies in the reconfiguration of memory and in the moral reconstruction of wronged communities.

The “Free Papers” section closes with the investigation of Tatiana Dantas Marchette into the meaning of the election of Brasil Pinheiro Machado, an intellectual from the state of Paraná, in mid-1932. The context of this specific case – the Constitutionalist Revolution – as the author puts it, allows linking the new profile of intellectuality to political engagement.

The present issue also includes a review of Arthur Danto’s book “Após o fim da arte” [“After the end of art” – still untranslated], written by Francisco Fianco. Danto’s work is a must-read for those who want to understand the trajectory of contemporary art, its radically free and contemplative character and its tumultuous relationship with the history of art itself.

Finally, it is worth pointing out the connection of the present issue of *Revista História: Debates e Tendências*, mainly of the “Report on History and Culture,” with the process of consolidation of NEMEC (Center of Studies on Memory and Culture), an arm of the Graduate Program in History of Universidade de Passo Fundo. We wish all a good reading experience!

Gerson Luís Trombetta
PPGH/UPF

Editorial

Cuando Platón, en la *Republica*, hace una nueva interpretación de la máxima “Conoce-te a ti mismo”, termina por producir una virada en la cultura y en el pensamiento greco-occidental. La novedad de la interpretación iba más allá del contenido y del método socrático. Para Sócrates, el cumplimiento del deber delfico se daba a partir del hombre individual, que debería empeñarse en la dirección del auto conocimiento. Examinando el concepto de justicia y su proceso de realización en la *polis*, Platón se choca con los límites de las prerrogativas socráticas. La comprensión de la justicia y la constitución de una ciudad ideal solo se realizarían en la medida en que el hombre es proyectado a un plan más amplio. En la experiencia individual los fenómenos son tan complejos, variados, contingentes y contradictorios, que sería imposible, conforme Platón, esclarecerlos y transformarlos en referencias seguras para la organización político-social. La naturaleza humana es comparable a un texto de difícil lectura y, en la perspectiva individual, tal texto se escribe con letras microscópicas. El primer trabajo, por tanto, de toda investigación teórica que pretende entender el hombre, es ampliar tales letras, capturando el ser humano en las producciones colectivas. En estas, el sentido oculto del texto puede surgir y, lo que parecía indescifrable, se torna legible.

En el contexto de la *República* platónica, la aplicación de la lente de aumento ocurre en el examen del estado y en la constitución de sus partes. El estado, entretanto, en la historia de la humanidad, es un producto tardío y no representa la única forma de existencia colectiva. Mucho antes de adoptar ese modelo de organización social, el hombre hizo diversas tentativas para organizar sus creencias, sus deseos, su sensibilidad y sus ideas. El mito, la religión, el arte, el propio lenguaje y todo aquello que puede ser llamado de cultura servirán como estrategias de sistematización para tales experiencias. Es evidente que esas actividades, tomadas históricamente, se conectan íntimamente con el desenvolvimiento del estado y en muchos de sus aspectos, dependen de él; no obstante, preservan propósitos y valores propios.

Lo que queremos señalar, por el momento en que ese dossier llega al público, es la validez de la sugerencia platónica de “ampliar la lente”. Aun que el término “cultura” sea un concepto “vago” y en constante transformación, pudiendo designar desde artefactos (imágenes, objetos, herramientas, construcciones, etc.) hasta prácticas (leer, jugar, narrar, danzar, etc.), una de sus características fundamentales es que representa un “hombre ampliado”, un letrado esperando interpretación. Es en la diversidad de las expresiones culturales que podemos encontrar el dibujo de aquella unidad fundamental a la cual denominamos “ser humano”. Es esa la motivación del dossier. La diversidad englobada en

el concepto de cultura también será encontrada aquí. Pero es exactamente en esa actividad de abordar teóricamente tal diversidad que podemos alimentar la certeza de producir un dibujo más claro del hombre tomado en su perspectiva histórica.

El presente número de la revista *História: Debates e Tendências* está organizado en tres secciones: la primera compone el “Dossier: Historia e cultura”. La segunda sección es dedicada a artículos libres y la tercera presenta una reseña. Presentamos ahora, con la intención de guiar al lector, un rápido informe sobre los trabajos aquí reunidos.

Abriendo el “Dossier: Historia y cultura”, Ulisses do Vale examina el concepto de cultura comparando las concepciones de Rickert, Weber y Schutz. La intención del autor es presentar, de un lado, las diferencias y, de otro, los aspectos compatibles en las visiones de los referidos autores. Tal compatibilidad aparece cuando se toma el concepto de cultura como producto de una metodología histórica.

Las representaciones de los *rascacielos* en las caricaturas de J. Carlos - José Carlos de Brito e Cunha - recopiladas en las revistas ilustradas *Careta*, *Fon-Fon*, *O Malho* e *Para Todos* entre 1927 y 1943, es el tema del artículo siguiente. En él, Gianne Montedônio Chagastelles procura ampliar el *corpus* de la investigación histórica al incluir fuentes iconográficas en el estudio del proceso de verticalización de Rio de Janeiro.

A continuación, Mauro Dillmann Tavares investiga la expansión del cementerio São Miguel de Almas de Porto Alegre - RS en las primeras décadas del siglo XX, dando énfasis a las estrategias administrativas que pretendían consolidarlo como moderno y eficiente, en una época de epidemias y mortalidades. El autor pretende también resaltar las conexiones entre los espacios cementeriales y las percepciones del morir modeladas en la cultura de ese contexto.

En su artículo “El pueblo brasileño en los romances de Darcy Ribeiro”, Diego Omar Silveira, analiza las obras *Maíra* (1976), *O mulo* (1981) e *Utopia selvagem* (1982), resaltando como en ellas el antropólogo, con un lenguaje poético y despojado, y sin las limitaciones de la escrita científica, presenta las identidades brasileñas. Aún en el terreno de la palabra escrita, el artículo siguiente, de Cíntia Lima Crescêncio, procura reflexionar sobre el papel de Millôr en el combate y también en la divulgación de los feminismos brasileños. En la perspectiva de la autora, más que reproducir modelos simplistas de hombre y mujer, Millôr contribuyó para la divulgación de los embates emprendidos por las feministas, de modo especial en sus publicaciones en la revista *Veja*.

En seguida, Fabrício Pinto Monteiro, en el texto “Tom Bombadil, un personaje sin sitio”, discute el uso de las fuentes literarias en la investigación histórica. El debate, propuesto por el autor, acontece en torno a construcciones de significaciones sociales de lectores, escritor e director de la versión cinematográfica de la obra *El señor de los anillos*, de J. R. R. Tolkien, privilegiando el personaje Tom Bombadil.

Los dos últimos artículos del dossier abordan, cada uno a su manera y con recortes temporales específicos, las interfaces entre experiencias musicales y historia. Manuela Areias Costa, en el artículo “Las prácticas culturales de la Sociedad Musical ‘União XV de Novembro’”, investiga las bandas civiles en Brasil y sus representaciones, a partir de la trayectoria de la Sociedade Musical “União XV de Novembro”, de la ciudad de Mariana

- MG. Concluyendo el dossier, el artículo “Rock brasileño en la década de 1970: contracultura y filosofía hippie”, de Alexandre Saggiorato, aborda las prácticas socioculturales en que el rock brasileño de la década de 1970 estaba inserto. O autor lega especial destaque à la tensión, vivida por el rock brasileño en ese período, de coexistir con la dictadura militar y, al mismo tiempo, producir alternativas contraculturales tanto en las sonoridades cuanto en las letras.

El texto “Los annales y la historia-problema: consideraciones sobre la importancia de la noción de la historia-problema para la identidad de la Escuela de los Annales” abre la sección “Artículos libres”. El autor, José D’Assunção Barros, reconstruye las críticas de los historiadores de ese movimiento en contra de la historia factual, la historia política tradicional y la historia narrativa. Los argumentos procuran también aclarar la oposición entre historia-problema e historia-conjetura.

En “Argentina, Estados Unidos y el sistema interamericano durante la crisis de los misiles (1962)”, Leandro Morgenfield analiza el posicionamiento del gobierno argentino en cuanto a la crisis de los misiles a lo largo del mandato de José María Guido y observa que la posición de Argentina en el período, diferente de Brasil y México, permitió que la Casa Blanca se reposicionase en la región.

Comprender las políticas de reparación y responsabilización como una condición simbólica que posibilita el compartir la responsabilidad, culpa y vitimización es el objetivo del próximo artículo, de Johnny Roberto Rosa. El autor enfatiza el papel de tales políticas en la reconfiguración de la memoria y la reconstrucción moral de las comunidades que sufrieron injusticias.

Cerrando la sección “Artículos libres”, Tatiana Dantas Marchette, investiga el significado de la aceptación del ejercicio del cargo de intendente municipal de Ponta Grossa - PR por parte del intelectual paranaense Brasil Pinheiro Machado, en mediados de 1932. El contexto donde se incluye este caso específico, la Revolução Constitucionalista, según la autora, permite articular el nuevo perfil de la intelectualidad a la acción política comprometida.

El presente volumen cuenta aún con la reseña del libro *Después del fin del arte*, de Arthur Danto, elaborada por Francisco Fianco. La obra de Danto es lectura obligatoria para quienes se disponen comprender los rumbos del arte contemporáneo, su carácter radicalmente libre y reflexivo y sus tensas relaciones con la propia historia del arte.

Por fin, cabe registrar el vínculo del presente número de la *Revista História: Debates e Tendências*, de modo especial del “Dossier: Historia y cultura”, con el proceso de consolidación del Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (Nemec), ligado al Programa de Pós-Graduação em História de la Universidade de Passo Fundo. ¡A todos una óptima lectura!

Gerson Luís Trombetta
PPGH/UPF